

# A devoção e a peregrinação jacobeias em Portugal (II)

Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha  
Universidade Católica de Porto

## La devoción y peregrinación jacobeias en Portugal (II)

**Resumen:** Después de, en un primero artículo — *Ad limina 2* (2011) —, haber tratado del inicio y desarrollo de la devoción jacobea en Portugal seguidos de una intensa peregrinación, ahora se habla del legendario jacobeo y sus arraigo en la religiosidad pagana, así como de su cristianización en un tiempo político, social y eclesial revuelto.

¿Santiago en la cultura popular portuguesa? Se hablará también del legendario jacobeo en la tradición popular portuguesa, del desarrollo y decadencia de la peregrinación a Compostela, y también de la corrupción de la devoción jacobea.

Portugal nació clamando por Santiago. Por eso, en Portugal, en la iconografía, en la literatura, en el refranero, en la heráldica, en la toponimia, en toda la memoria popular, Santiago anda siempre cerca.

**Palabras clave:** Santiago, arraigo, legendario, cultura popular portuguesa.

---

## *Pilgrimage and Worship of Saint James in Portugal (II)*

**Abstract:** After having addressed in the first paper — *Ad limina 2* (2011) —, the beginning and development of the worship of Saint James in Portugal followed by intensive pilgrimage, we now approach the legendary of Saint James and its roots in pagan religion, as well as its Christianization in a troubled political, social and ecclesiastical time.

*Santiago in Portuguese folklore? We will also speak of the legendary of Saint James in Portuguese folk tradition, and of the rise and fall of pilgrimage to Compostela, as well as of the corruption of the worship of Saint James.*

*Portugal was born hailing Saint James. That is why in Portugal, in the iconography, literature, proverbs, heraldry, place names, all over folk memory, Santiago is always close.*

**Key words:** *Saint James, pagan roots, legendary, Portuguese folklore.*

## A devoción e peregrinación xacobeas en Portugal (II)

**Resumo:** Despois de, nun primeiro artigo —*Ad limina 2* (2011)—, ter tratado do inicio e desenvolvemento da devoción xacobeas en Portugal seguidos dunha intensa peregrinación, agora fálase do lendario xacobeo e o seu arraigamento na relixiosidade pagá, así como da súa cristianización nun tempo político, social e eclesial revolto.

Santiago na cultura popular portuguesa? Falarase tamén do lendario xacobeo na tradición popular portuguesa, do desenvolvemento e decadencia da peregrinación a Compostela e tamén da corrupción da devoción xacobeas.

Portugal naceu clamando por Santiago. Por iso, en Portugal, na iconografía, na literatura, no refraneiro, na heráldica, na toponimia, en toda a memoria popular, Santiago anda sempre preto.

**Palabras clave:** Santiago, arraigamento, lendario, cultura popular portuguesa.

Depois de num primeiro artigo — *A devoção e a peregrinação jacobeeas em Portugal*<sup>1</sup> — ter pasado pelos mais antigos lugares jacobeeos portugueses e pela historia da peregrinação a Compostela a partir de Portugal, direi agora de outras vertentes do culto de Santiago. Volto-me para a cultura popular. O racionalismo olhou com muita desconfianza o romantismo do séc. XIX. Custou-lhe perceber que é espantosa a capacidade do povo: se a sua criatividade não tem limites, a sua memória guarda e conserva, sem peias também. Proponho-me visitar a síntese de que o povo foi capaz: a de guardar em forma de lenda tudo o que viveu no tempo de uma peregrinação pagã depois cristianizada, a de harmonizar duas escatologias, pagã e cristã, e a de reunir mito e lenda e assim dar sustentabilidade a uma prática religiosa que enraíza num tempo de que não conhecemos os alvares.

### *I. Enraizamento pagão da peregrinação cristã*

Desde os inícios do séc. XX que, com a lucidez e o estudo de Mgr Duchesne (1843-1922) —*Saint Jacques en Galice* (1900)—, se percebeu que “la croyance à l’apostolat espagnol de saint Jacques remonte, en dernière analyse, à un remaniement latin des catalogues apostoliques rédigés en grec vers le commencement du VIIe siècle”. Duchesne explicou aínda: «Vers l’année 830, on découvrit sur le territoire d’Amæa, dans la diocèse d’Iria Flavia, une tombe antique qui fut considérée comme celle de saint Jacques. Le culte dont elle fut bientôt entourée est attesté par le martyrologe d’Adon, compilé en France vers l’an 860»<sup>2</sup>. Foi então necessário rever tudo.

1 Publicado em *Ad limina*, II (2011) 85-114.

2 In BOTTINEAU, Yves — *Les chemins de Saint Jacques*, Paris: Arthaud, 1983, p. 17.

### 1. Do Finisterra a Compostela

De há muitos séculos que os pagãos peregrinavam ao *Fim da Terra* — *Finisterra* — na demanda do lugar em que o Sol morria. Aí vivia *Jupiter Optimus Maximus*, o soberano do Céu e da Terra, e Senhor do Tempo, do Pó, do Trovão e do Raio. Entre outros, tinha os nomes de *Fulgurator*, o que lança o relâmpago, e de *Tonitrualis*, o que lança o trovão. Escritores gregos e latinos o testemunham.

Um poeta romano, Públio Ovídio Nasão (43aC-17/18 dC) escreveu assim nas suas *Metamorfoses* e num rápido resumo da tradição mitológica grega e latina:

“Est via sublimis, cœlo manifesta sereno, / Lactea nomen habet; candore notabilis ipso. / Hac iter est superis ad magni tecta Tonantis, / Regalemque domum. Dextra lævaque deorum / Atria nobilium valvis celebrantur apertis. / Plebs habitant diversa locis. A fronte potentes / Cœlicolæ, clarique suos posuere penates. / Hic locus est, quem, si verbis audacia detur, / Haud timeam magni dixisse palatia cœli”<sup>3</sup>.

Este texto de Ovídio — e outros há, gregos e romanos — obriga-nos a formular perguntas. Conhecido o antropomorfismo das religiões clássicas, é lícito supor que foi na peregrinação dos que, de toda a parte da Europa, demandavam o extremo-Ocidente, a morada do Senhor dos Trovões, que se fundamentou a exemplaridade moral que Cícero, por exemplo, tentou inculcar no espírito do destinatário do seu *De re publica*:

“... justitiam cole et pietatem: quæ quum sit magna in parentibus et propinquiis, tum in patria maxima est: ea vita via est in cœlum, et in hunc cœtum eorum, qui jam vixerunt, et corpore laxati illum incolunt locum, quem vides. Erat autem is splendidissimo candore inter flammam elucens circus, quem vos, ut a Graiis accepistis, orbem lacteum nuncupatis: ex quo omnia mihi contemplanti præclara cetera et mirabilia videbantur”<sup>4</sup>.

Aquilino Ribeiro (1885-1963), um dos maiores escritores portugueses da primeira metade do século XX, tinha esta mesma opinião:

3 “Há nos céus uma via, láctea e de uma deslumbrante brancura, visível em [noite de] céu sereno. É por ela que os *Imortais* sobem à majestosa morada do Senhor dos Trovões. À direita e à esquerda, sob os pórticos sempre abertos, residem os deuses [principais]; os menores habitam outros s’ tiops. Os deuses mais poderosos e os de maior categoria habitam logo à entrada deste lugar a que, se me é permitida uma tal linguagem, ousou chamar o *Empíreo*”. Há uma tradução portuguesa desta obra de Ovídio feita por António Feliciano de Castilho, editada pela Imprensa Nacional, Lisboa 1841, que aqui se não segue.

4 «- [Meu filho:] ... Procura viver com justiça e piedade e não esqueças o respeito que debes aos teus pais, aos teus próximos, e sobretudo à tua pátria. A vida assim vivida é uma estrada que te conduzirá ao céu e à assembleia daqueles que já viveram e habitam agora, libertos já do corpo, naquele lugar que vês”. E meu Pai mostrava-me esse círculo que brilha pela sua deslumbrante brancura no meio de todas as luzes celestes e que vós, numa expressão que pedistes emprestada aos Gregos, chamais a Via Láctea. Do alto deste orbe luminoso, eu contemplo o universo, revestido de magnificência e de maravilhas» (CÍCERO – *De re publica*, Livro 6, XI).

«— A Via Láctea foi o caminho que S. Tiago tomou quando entrou no Paraíso, não foi Senhor Pe. Santos? — disse o Basco acompanhando o gazeio com um sorriso que lhe franzia os lábios delgados, cheio de meiga e grácil timidez.

— Meteu por ela S. Tiago — disse o frade — mas antes, segundo Ovídio, já metiam os imortais quando se dirigiam à morada do Senhor dos trovões. A lenda cristã enxertou-se no mito, mas não é daí que vem mal ao mundo.»<sup>5</sup>

Por este trecho de Aquilino passa também a suposição de que o Caminho de Santiago antes de o ser era já caminho religioso.

O cristianismo peninsular encontrou-se portanto com esta tradição religiosa. E do *Tonitruualis* ao *Filius tonitruui*, o Filho do Trovão<sup>6</sup> do Evangelho de Marcos (3,17<sup>7</sup>), o salto foi pequeno. Ambos tinham um contexto religioso, diferente embora.

Analisando toda uma série de lendas, costumes e crenças populares da tradição jacobea portuguesa pode concluir-se que a todas elas subjaz, mais ou menos intocada, a escatologia grega, aqui e ali romanizada. Porque, foi da peregrinação ao lugar onde o Sol morria e morava o *Tonitruualis* pagão, que se passou à demanda do túmulo do *Filius tonitruui* cristão.

Isso aconteceu numa Europa que vivia — sécs VIII/IX — um tempo religiosa e politicamente muito conturbado, particularmente na Península Ibérica. Eclesialmente, o cristianismo, acometido de vários lados, estava então a ser atacado pelo Islamismo; política, social e culturalmente, o *mare nostrum* romano estava a desfazer-se; e o centro político europeu, o eixo Constantinopla/Roma, deslocava-se ao tempo

5 RIBEIRO, Aquilino - *Uma Luz ao Longe*, Lisboa: Bertrand, 1969, p. 204.

6 Por curiosa, aqui fica a interpretação de um pregador do séc. XVIII: “A voz de S. João Evangelista também foi voz de trovão, a ele deu também Cristo este título *Filius tonitruui*. E não só esta mas a voz dos mais Apóstolos soou e se ouviu em todo o universo na propagação da lei evangélica: *In omnem terram exivit sonus eorum*. Assim é. Porém, vejamos a diferença entre trovão e trovão, entre voz e voz. A voz e pregação de Santiago soou mais que a voz e pregação de cada um dos Apóstolos. A razão é. A voz e pregação de cada um dos Apóstolos soou e se ouviu nesta ou naquela cidade, nesta ou naquela província, neste ou naquele reino ou império, e quando mais em uma parte de mundo. (...) Não nego que a voz de S. João evangelista foi voz de trovão, e também a dos mais Apóstolos. Porém, voz de trovão que comumente se ouve neste distrito e não naquele, ouve-se em Coimbra não se ouve em Lisboa, e assim costumamos dizer, quando a chuva não é geral, foi chuva de trovoadas que deu em uma parte e não em outra. Porém a voz de Santiago Maior foi voz de trovão universal que se ouviu e soou em todo o mundo. (...) Santiago Maior pregou por si em Jerusalém e Samaria às doze tribos, como afirma S. Jerónimo: *Jacobus Zebedæi duodecim tribibus prædicavit*; pregou em Hespânia e, pelos discípulos que criou, plantou o Evangelho e dilatou a Fé a toda a Europa, Ásia, África e América, passando de um mundo a outro mundo. (...) A voz do trovão é por antonomásia a voz de Santiago” (OLIVEIRA, Fr. José de - “*Sermão do Glorioso Apóstolo Santiago*”, in *Sermoens Vários*, Lisboa Occidental: Francisco Xavier de Andrade, 1723, pp. 219-221 e 224).

7 Comenta um especialista do Evangelho de Marcos: “no se sabe con seguridad si la traducción ofrecida por Marcos de *Hijo del Trueno* es correcta o no. Tampoco sabemos a qué se refiere. Dado que el nombre es impuesto por Jesús con pleno poder, deberá ser algo más que un apodo”; e continua o autor admitindo que o nome possa significar *Hijos de la ira* ou *correligionario*, dado o seu temperamento impulsivo (voz de Deus que falava por ele) ou referindo mesmo uma possível ideologia zelota (GNILKA, Joachim - *El Evangelio según San Marcos*, I, Salamanca: Sígueme, 3ª ed., 1996, p. 165).

para Norte, mais concretamente para Aix-la-Chapelle. Mergulhada nesta confusão, a Europa julgou ter encontrado em Compostela uma *tábua de salvação*: o túmulo do Apóstolo Jacob.

O peregrinar a Jerusalém ficara já praticamente vedado aos cristãos. E não podendo eles contrariar de outro modo o que era uma tradição religiosa fundamente entranhada, pagã embora, a Igreja fez ao “Caminho pagão das Estrelas”, rumo à morada dos deuses, o que já fizera no séc. IV ao *Nathale Solis Invicti*: cristianizou-o, substituindo o Senhor dos Trovões pelo “Filho do Trovão” (Mc 3,17), desviando-se assim do *Oriens*<sup>8</sup> onde nascera o “Sol da Justiça” (Mal 4,2) para rumar, a partir daí, ao *Occidens*, o lugar onde o Sol morria. Longe iam os tempos em que Etéria, uma mulher certamente galega, partira “do extremo litoral do oceano ocidental” rumo ao Oriente, como diz Valério?<sup>9</sup>.

A partir do séc. IX, portanto, e nas circunstâncias difíceis já acima apontadas, os cristãos passaram o demandar, no Ocidente, o lugar onde aparecera — assim se julgou — o corpo de Santiago, não longe do *Fim da Terra*. A Via Láctea ficou a mesma, e o Caminho das Estrelas também. A única coisa que se alterou de facto foi que as conchas que os peregrinos pagãos recolhiam nas costas galegas e levavam depois como sinal de peregrinação cumprida, passaram a ter de ser transportadas para Compostela, apesar de, visitado o túmulo apostólico, os peregrinos continuarem a seguir para o *Finis Terrae*. Ainda hoje muitos o fazem.

## 2. O lendário jacobeu

Uns atrás dos outros, os peregrinos chegavam a Compostela, uma verdadeira porta do céu, situada não muito longe dos antigos pórticos da majestosa morada do pagão Senhor dos Trovões. Eram tantos os peregrinos que entravam e saíam no santuário galego que a sua porta não tinha descanso, sempre a bater: por isso, na gíria popular, se dizia em Portugal que uma porta ou janela continuamente batida pelo vento é um “postigo de Santiago”.

Porta do céu que era, tinha de ser estreita<sup>10</sup>: ali se destrinçavam, portanto, “as *[almas que]* vão em graça, e pecadoras, pois que só as primeiras poderem passar além”<sup>11</sup>, afirmava a crença popular.

8 *Oriente*, do verbo latino *oriri*, *nascere*. *Ocidente*, também do latino *occidere*, *morre*.

9 Valério (623?-695) foi um eremita natural de Astorga, discípulo de S. Frutuoso, de que conhecemos, entre outros escritos, a *Carta em louvor de Etéria* (in *Analecta Bollandiana*, T. 29, Bruxelas, 1910, pp. 377 ss).

10 Assim diz, de resto, o Evangelho de Mateus (7,13/14): “Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduzem à perdição e muitos são os que seguem por ele. Estreita, porém, é a porta e apertado o caminho da vida, e poucos os que os encontram”. Em estreitíssimas passagens que existem em alguns santuários portugueses de grande peregrinação — na Senhora da Lapa (Sernancelhe), por exemplo -, só consegue passar quem não tiver pecado!, diz o Povo.

11 PEREIRA, A. Gomes - “*Tradições Populares de Vila Real*”, in *Revista Lusitânia*, vol 12, p. 317, citado por BRAGA, Alberto Vieira - “*A Influência de Santiago da Galiza em Portugal*”, Separata da *Homenagem a Martins Sarmiento*, Guimarães, 1933, p. 429.

E quem lá não fosse em vida, garantindo assim a salvação, tinha de o fazer necessariamente depois da morte:

S. Tiago da Galiza  
vós *sendes* tão interesseiro,  
que em morte ou em vida  
hei-de ir ao vosso mosteiro.

De facto,

S. Tiago da Galiza  
é um cavaleiro forte:  
e quem lá não for em vida  
há-de ir lá depois da morte.<sup>12</sup>

Ou ainda:

– Santiago da Galiza,  
Que é da vossa *galegagem*?  
– Foi pelo rio abaixo  
Aprender a linguagem.  
– Quer na vida, quer na morte  
Lá te hei-de ir beijar os pés.<sup>13</sup>

Peregrinar a Compostela tornou-se obrigatório, compulsivo mesmo. Pego nas palavras do meu amigo:

“Dos dias mais antigos, dos lugares mais remotos, a história constantemente nos refere esse imenso povo peregrino que não pode ser mais diverso no rosto e nas razões, nem mais uno no propósito: partir. (...) ... todos ... os viram passar e cumprir o rito secular, por forma tal e com tal constância que diríamos obedecerem a um imperativo existencial intrínseco ao ser humano. A peregrinação realiza, com efeito, uma parábola autêntica da vida, solicitando a totalidade do homem, das suas faculdades e desejos, ao que o carácter colectivo vem dar maior intensidade e mais ampla gama de sentimentos. Por isso ela se afirma como criadora de sentidos e de memórias...”<sup>14</sup>

12 VASCONCELOS, J. Leite de - *Tradições Populares em Portugal*, Lisboa: INCM, 1986, p. 61. A primeira das quadras é originária de Carregosa (Oliveira de Azeméis) e a outra de Carrazeda de Ansiães.

13 De Medrões (Santa Marta de Penaguião), in VASCONCELOS, J. Leite de - *Cancioneiro Popular Português*, Vol III, Coimbra: Universidade de Coimbra, 1983, p. 208).

14 FERREIRA, José Maria Cabral - “*Peregrinar*”, in *Caminhos Portugueses de peregrinação a Compostela. Itinerários Portugueses*, Xunta de Galicia/ Centro Regional de Artes Tradicionais, 1995, p. 282.

Com o tempo, entretanto, entra o imaginoso lendário:

«Um fiel que em vida não fez por desleixo essas visitas [a Compostela], depois da morte foi bater às portas do céu; a noite estava fria, bateu com força, mas as portas não se abriram. O anjo porteiro, cansado das queixas lamuriantas, gritou-lhe de dentro: “Vai primeiro a Roma e a Sant’Iago!”. A alminha fez a penosa viagem e, quando voltou, deu entrada no paraíso»<sup>15</sup>.

Caso não cumprisse a peregrinação, a alma podia perder-se:

A gritar vai uma alma  
a gritar que se perdia  
caminho de S. Tiago  
a cumprir a romaria.  
Ouvira-a um cavaleiro,  
da sala donde dormia:  
– p’r’onde vais, ó alma santa  
com tão grande gritaria?  
– Caminho de S. Tiago  
a cumprir a romaria!<sup>16</sup>

E não vê o povo numa estrela cadente uma alma perdida? Se, em Trás-os-Montes, por exemplo, se diz simplesmente que “as estrelas cadentes são almas que vão para o céu: Deus te guie!”<sup>17</sup>, noutro lado crenças cristianizadas misturam-se claramente com outras estritamente pagãs. Assim, segundo algumas formulações, só depois de visitado o templo de Compostela, as almas podiam seguir, direitinhas, sem se perderem, pela Via Láctea ou Caminho das Estrelas, rumo ao descanso eterno; para tal, seguiam o mesmo caminho — “via sublimis ... Lactea nomen habet” (*Metamorfoses*, de Ovídio) — que os deuses utilizaram quando se dirigiram ao Palatino, a morada de Júpiter.

a. “E quem lá não for em vida, há-de ir lá depois da morte”. Conhece também imensas variantes este acreditar.

Os peregrinos jacobeeus defrontavam-se muitas vezes com grandes dificuldades, sobretudo na travessia dos rios. No Norte de Portugal, os de mais difícil passagem eram o Douro e o Minho, que não tinham pontes, contrariamente ao Leça, ao Ave, ao Cávado e ao Lima. Este último, certamente pela beleza da sua bacia, transformara-se já na mítica “ribeira Léthea” dos gregos. Mas em todos os rios havia barcas de “por Deos” ou a pagar, a exemplo da de Caronte da mitologia grega. Como não

15 Lenda recolhida por MARTINS, Pe. Firmino A. - *Folklore do concelho de Vinhais*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928, p. 99 (de seguida: MARTINS - *Folklore*).

16 *Ibid.*, pp. 152/153.

17 FONTES, António Lourenço - *Etnografia Transmontana I*, Montalegre, 1974, p. 11.

recordar aqui os três *Autos das Barcas do Inferno, do Purgatório e da Glória*, de Gil Vicente (c. 1465 – c. 1536)?

Também o imaginário jacobeu misturou rapidamente lenda e realidade. A pagã barca de Caronte, por exemplo, transformou-se, em alguns lugares, em ponte “de Santiago”<sup>18</sup>, pela qual haviam de passar as almas dos que não tinham ido em vida a Compostela. Para tal, no entanto, era necessário entregar ao diabo, guarda-mor da ponte, uma moeda que, umas vezes, se lançava na terra que cobria o caixão, outras se metia na própria urna ou até na boca do cadáver, prática conhecida já da Grécia antiga. Mas a moeda devia ter uma cruz nela desenhada, caso contrário não teria valia<sup>19</sup>. Recebida a moeda da portagem, o diabo punha-se debaixo da ponte a abaná-la, quando as almas a passavam, para que se desequilibrassem e caíssem. Só seguiam directamente para Compostela as que se seguravam; as mais iam logo para o inferno.

Como sucedia muitas vezes na Idade Média, a maior parte das pontes, por degradadas, não ofereciam segurança: umas não tinham muretes laterais, outras eram “estreitas como o gume duma faca”... E, se a alma caía, tinha o corpo de ser enterrado sem ela. Nascia, assim, uma “alma perdida”, alguma dessas que andam no céu à deriva em noite cálida de Agosto. Em Trás-os-Montes, era diferente: dizia-se que “as estrelas cadentes são almas que vão para o céu: Deus te guie!”<sup>20</sup>.

Atravessada a ponte e visitado o apóstolo em Compostela, a alma podia então regressar a juntar-se ao cadáver, e ser, portanto, com ele, condignamente sepultada. Por isso, no mundo antigo, nunca se fazia um funeral senão 48 horas depois da morte, tempo julgado o necessário para a alma ir e regressar de Compostela. E se, por qualquer outra razão, o funeral se antecipava, a alma perdia-se definitivamente; e o corpo era “excomungado”. Como não ver aqui a antecipação do prazo legal exigido hoje por lei para a sepultura de um cadáver?<sup>21</sup>

Tem outras variantes esta lenda. No Marco de Canavezes, por exemplo, metiam-se no caixão juntamente com a moeda acima referida, as contas do terço e uma agulha enfiada: a moeda para passar no campo de Jurafaz<sup>22</sup>, as contas para rezar

18 No Couto de Ervededo (Chaves), há uma capela e uma ponte de Santiago. No lugar de Sólgo, da freguesia de Pessegueiro do Vouga, no Rio Vouga, há um “porto de Santiago”.

19 Em Guifões, freguesia de Matosinhos, chamava-se-lhe *dinheiro de cruces* (VASCONCELOS, J. Leite de - *Tradições Populares em Portugal*, Lisboa: INCM, 1986, p. 272). “Alguns ritos subsistem conservando-se como vagas superstições, como se vê por este costume ou agouro de Bragança: ‘É bom trazer sempre uma moeda de cruz na algibeira, porque morrendo a gente num caminho deserto pode ser enterrado em chão sagrado por isso que mostra ser cristão; e se o defunto for justo, S. Pedro abre-lhe a porta do céu sem nenhum sacramento’” (BRAGA, Teófilo - *O Povo Português*, Volume I, Lisboa: Dom Quixote, 1994, p. 165). O mesmo se passava em Vila Nova de Gaia (Ver COSTA, Barbosa da - *Monografia de Canelas*, 1980, p. 200 e GUIMARÃES, Gonçalves - *Gaia e Vila Nova na Idade Média*, Porto: Universidade Portucalense, 1995, pp. 141-142). As moedas dos reis portugueses da primeira dinastia, séculos XII, XIII e XIV, tinham, de facto, na sua maioria, desenhada uma cruz; quaisquer outras, muçulmanas por exemplo, não serviam.

20 FONTES, António Lourenço - *Etnografia Transmontana* I, Montalegre, 1974, p. 11.

21 A lenda aqui interpretada é originária da zona de Guimarães (VASCONCELOS, João de - “Folclore”, in *Revista de Guimarães*, Janeiro de 1809, p. 44, citada por BRAGA, Alberto Vieira - “Influência de Santiago da Galiza”, Guimarães, Separata da *Homenagem a Martins Sarmiento*, 1933, p. 431).

22 Jurafaz é uma palavra galega que diz “um lugar por que se passa na morte, antes de chegar ao céu”.



no caminho, e a agulha enfiada para consertar a roupa no outro mundo<sup>23</sup>. “Noutra freguesia, usam lançar no caixão uma moeda de 5 reis, uma côdea de pão e uma agulha enfiada. ... A côdea de pão para dar ao leão, que, enquanto a devora, [*distraído*,] deixava passar... “ a alma<sup>24</sup>.

Todos tinham, pois, de peregrinar em vida a Compostela. Aos que o não tenham podido fazer dava-se-lhes, porém, a possibilidade “de ir lá depois da morte”. Mas rapidamente entrou o cálculo nesta decisão:

- «— É verdade que vão as almas em Romaria a Santiago?
- Hui! muito certo, as que lá não foram em vida!
- Assi dizem aqui estes judeus, que hão-d’ir à terra da promessa, em morte, por debaixo da terra, foçando como toupeiras.
- Por isso, quem lá pode ir na vida...
- Antes, a meu parecer, será melhor depois.
- Porquê, cuitada de mim?
- Porque aquela estrada que vemos de noite não tem tantas encruzilhadas nem tantos ladrões.
- Bom é pagar cá as dívidas.
- E far-se-á com muito menos custa e trabalhos: sem passar pelo mau gasalhado de Portugal, nem polas sujidades da Galiza.»<sup>25</sup>

Este pequeno texto de Sá de Miranda (1481-1558), para além de informar do lendário jacobeu do século XVI, diz também das dificuldades que o peregrinar a Compostela conheceu nessa época.

b. Na cultura popular portuguesa há também muitas referências à *Via Láctea*, popularmente chamada **Caminho** ou “**Estrada de Santiago**” por onde vão a Compostela as almas dos mortos. Como que a reforçar este sentido, alguns pretenderam mesmo que a palavra *galáxia* derivava de *Galácia*.

A própria *Via Láctea* se pensou muitas vezes ser a verdadeira “ponte de Santiago”, ou “de Nossa Senhora”, pois que já ela tinha subido ao céu por essa ponte de estrelas feita (por Santiago).

Mas, tal como acontecia na peregrinação medieval, também na viagem para o céu havia quem preferisse uma barca, muitas vezes mais segura que a ponte. Daí que, no sistema solar, exista uma *Barca de Santiago* ou *Barca do Norte*, também chamada *carro* ou *carreta*, que é a *Ursa Maior*<sup>26</sup>.

23 BRAGA, Alberto Vieira – *op. cit.*, p. 431. Entre os romanos, pensava-se que “o fantasma do morto ... continua a viver, embora uma vida diminuída, no túmulo, onde jaz o cadáver: pelo que, enterram, juntamente com ele, alimentos, armas, jóias” (MARTINDALE, C. - “A Religião dos Romanos”, in *Cristhus. História das Religiões*, Coimbra: António Amado Editor, 1941, p. 211/212).

24 BRAGA, Alberto Vieira – *op. cit.*, p. 431, nota 3.

25 MIRANDA, Sá de - “Os Vilhalpandos”, in *Obras Completas de Sá de Miranda*, Lisboa: Clássicos Sá da Costa, 3ª ed., 1977, p. 205.

26 Ver CAMÕES - *Lusíadas*, X, 88.

E, para ajudar na viagem, havia ainda as três estrelas do interior do quadrilátero de Orion, popularmente ditas *as três Marias*, também chamadas o *bago* (corrupção de *báculo*) de *Santiago*.

c. Assente a história do túmulo galego numa base lendária, não é de admirar que, à roda da devoção e da peregrinação jacobeeas, pululem **imensas lendas locais**. São assim, por exemplo as Lendas Apostólicas Peninsulares<sup>27</sup> de S. Pedro de Rates (Póvoa de Varzim), de São Torcato (Guimarães), de São Donato (Ovar), etc, todas elas mais ou menos ligadas a Santiago.

Em épocas mais tardias, ataram-se às primitivas muitas outras. É o caso da muito conhecida lenda do Santo Cristo de Bouças. Segundo ela, no dia do seu casamento, o

“filho de algum régulo que senhoreava a Maia”<sup>28</sup> meteu-se com seu cavalo mar adentro “até o direito da nave onde andava o corpo de Santiago, e ali saltou o cavaleiro a par da nave, e catou-se<sup>29</sup>, e viu o cavalo, e a sela e o peitoral e a estribeira, e a lamia e os panos todos cheios de Vieiras. E por saber mais daquilo tirou o sombreiro, e catou-o, e viu nele outro tal, e foi espantado todo quando assim se viu cheio de Vieiras: ... [por]que viera debaixo de água sem dano nenhum que houvesse, e que estava sobre o Mar bem como em terra chã. Maravilhou-se muito, e estando-se assim maravilhando, viu a par de si a nave. E quando viu aí os homens houve em ele grande prazer, e grão conforto, e disse-lhes todas as couzas como lhe acaeceram, e mostrou-lhes as Vieiras, e perguntou-lhes que lhes semelhava daquelas cousas ...: finalmente depois de muitas razões e práticas que tiveram das Vieiras, ..., foi pelos discípulos do Santo Apóstolo informado e instruído nos Mistérios de nossa santa Fé, e com grande gosto seu baptizado”. Foi isto, “No ano de 46 do Nascimento de Cristo, [quando] vindo numa barca do Porto de Ioppe aonde se embarcaram, os discípulos do Apóstolo Santiago, com as Relíquias de seu Sagrado corpo, chegaram a passar à vista da praia do Lugar de Bouças, que entendo ser junto a uns penedos que hoje se chamam Leixões”<sup>30</sup>.

27 OLIVEIRA, Miguel de - “Lendas apostólicas peninsulares”, in *Lusitania Sacra* IV (1959) 7-27.

28 Bouças, actual Matosinhos, pertencia então à Terra da Maia.

29 Isto é, examinou-se.

30 CARUALHO, Manoel Tauares de - *Relação e discurso sobre a insigne, & notavel prosição em que foy leuada à Cidade do Porto a sagrada Imagem do S. Christo de Bouças, onde se cõta da antiguidade, memorias de sua milagroza vinda, & sucesso depois q sayo na praya do Lugar de Matuzinhos cõ outras marauilhas merecedoras de se dar noticia delas*, Coimbra: Diogo Gomez de Loureiro, 1645, pp 15/16, in *Miscelâneas* da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Vol 39, nº 867. A versão mais antiga que se conhece desta lenda está no Códice Alcobacense nº 280, da Biblioteca Nacional de Lisboa. Os *Autos dos Apóstolos*, Lisboa, 1505, apresentam-na também com algumas variantes (Ver MARTINS, Mário - “A Trasladação de S. Tiago”, in *Brotéria* LXXVI [1963], pp. 59-65).

Em Miranda (Arcos de Valdevez), onde há uma capela de Santiago no lugar de Casal Senim<sup>31</sup>, contaram-me que, andando “Santiago e seus sete irmãos” por aquela região em missão apostólica, ao chegarem a um lugar chamado hoje Cruz Vermelha “atiraram seus bordões de caminheiros ao ar. Ao caírem, eles indicaram a cada um a direcção que haviam de seguir na pregação do Evangelho. O de Santiago ficou voltado para Compostela; foi então que seus irmãos lhe disseram: — Vai, que quem te não for lá ver em vivo, há-de ir lá depois de morto”!

Na freguesia transmontana de Santiago de Parada (Alfândega da Fé), recolhi uma outra curiosa lenda — da barca de Santiago, localmente dita de Santo Antão, no rio Sabor — que está representada num alto-relevo de madeira policromada colocado no tecto da paroquial. Andava o Apóstolo, por aquela região, um dia, a pregar o Evangelho, quando aconteceu que, ao atravessar o rio, ele e o seu cavalo foram arrastados pela corrente. Agarrou-se então Santiago a uma corda que, em socorro, lhe lançaram de um barco e conseguiu salvar-se.

Trata-se, neste caso, por certo, da “lendarização” do sucedido com um qualquer peregrino que, a cavalo, se dirigia a Compostela e que, ao atravessar o rio numa barca, bem marcada por três vieiras, terá sido arrastado pela corrente. De facto, o cavalo parece ter morrido no desastre — vê-se um ferradura perdida no meio das águas revoltas — mas o peregrino ter-se-á salvo: vê-se ainda uma mão que agarra uma corda lançada de um barco. O facto de a povoação se chamar Parada sugere repouso e restauração em antigo caminho, que foi também de peregrinação jacobea, ou não fosse esta uma freguesia que tem Santiago por orago. O facto de estar situada na margem esquerda rio Sabor sugere que a memória colectiva apenas transformou em lenda jacobea a história de um naufrágio que deu brado.

Abundam ainda as lendas lendas da pregação peninsular de Santiago. O séc. XVII acreditava ainda piedosamente que “S. Tiago ... [é o] apóstolo a quem este Reino deve a fé professa[,] o qual ele escolheu para vir pregar, e em Braga[,] em cujo Arcebispado fez seu assento, onde fez o primeiro Arcebispo S. Pedro de Rates, um entre muitos companheiros de cujo número foi S. Torquade um, por seu sagrado corpo estar sepultado em Compostela, [cidade] vizinha desta província de Entre Douro e Minho, ... [tem-se uma] devoção particular ao dito Santo ...”<sup>32</sup>.

Apesar disto, já nesse mesmo século XVII, Fr. Miguel de Santa Maria clamava “que não o Apóstolo Santiago Maior, mas S. Paulo, maior Apóstolo que Santiago ... é que ilustrou a Hespanha com as primeiras luzes do Evangelho”<sup>33</sup>.

31 Por aqui passava um velho caminho de peregrinação que de Santiago de Cendufe (Arcos de Valdevez) seguia para Labrujó e Paredes de Coura.

32 ARQUIVO Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães, Maço “Visitações dos Arcebispos e contendas entre Braga e a Colegiada (1471-1792)” (doc. 89).

33 SANTA MARIA, Fr. Miguel de - *Voz da verdade*, Lisboa Occidental, 1726 (do título do livro).

Praticamente na mesma altura, em 1729, escrevia assim um piedoso autor:

“Ao Apóstolo S. Paulo deve a Idanha as primeiras luzes da verdadeira Fé, não nos constando que até o ano sessenta e três da era vulgar se promulgasse ou pregasse naquelas partes; alguns escritores modernos afirmam o havia já feito S. Pedro de Rates, discípulo do Apóstolo Santiago e primeiro bispo da Santa Igreja Primacial de Braga. O fundamento que a isto os moveu foi relatar-se em um fragmento da vida deste santo, o qual transcreve D. Hugo, Bispo do Porto, em uma carta escrita ao Arcebispo de Braga D. Maurício Burdino (que depois foi anti-papa com o nome de Gregório VIII) e se tem por obra e confirmação de Caledónio, Bispo Bracarense: que convertido à Fé S. Pedro de Rates e ordenado Bispo pelo Apóstolo Santiago, a pregara, entre outras cidades, também na Idanha. (...) Acho, escreve naquela carta o Bispo D. Hugo, fora S. Pedro de Rates em Hespanha, vigário de Santiago, enquanto passou às Britânicas e outras províncias. Ignoro porém com que poder o constituiu o Santo Apóstolo. Deste vicariato, e outro, que lhe cometeu S. Pedro, Príncipe dos Apóstolos, dá testemunho Caledónio Bracarense na Vida do mesmo S. Pedro de Rates, a qual com as Actas dos outros Santos Hespanhois conservo em meu poder, em um Códice antigo de pergaminho, escrito por mandado do Bispo Argiovito, meu antecessor, em que diz Caledónio o seguinte: S. Pedro, cidadão bracarense, chamado Samuel, ressuscitado por Santiago, filho de Zebedeu, irmão de S. João e constituído Bispo de Braga...”<sup>34</sup>.

Com estas lendas de Santiago evangelizador da Península e do seu corpo guardado em Compostela joga mal uma notícia que recolhi na *Corografia Portuguesa*, do Pe. Carvalho Costa<sup>35</sup>. Diz ele que, na paroquial de Santiago de Oliveira (Póvoa de Lanhoso), “está huma fermosa Capela de Santa Cruz ... na qual há muitas relíquias..., [entre as quais uma do Apóstolo Santiago Maior, cuja autenticidade se pode] ver na Bula que ali há. Mandou-as de Roma para esta Igreja pelos anos de 1580 um Religioso natural da Aldeia do Rio da mesma freguesia: estão metidas em um sacrário com duas chaves, que tem o Abade para facilitar aos Romeiros verem-nas. Tem Jubileu perpétuo em dia de Santa Cruz de Maio, e de Santiago Maior”.

Acerca da origem do culto jacobeu, aparecem aqui e ali lendas de matriz muito diferente. Assim, em Santiago de Guilhofrei (Vieira do Minho), contaram-me que, durante muito tempo, se viu naquele lugar uma intensa luz junto de uma carvalha. Intrigados, em determinada altura, os moradores resolveram investigar: era uma imagem de Santiago. Construíram-lhe uma capela (agora dita de Nossa Senhora da

34 LEAL, Manoel Pereira da Sylva - *Memorias para a Historia Ecclesiastica da Diocese da Guarda*, I, Lisboa Occidental: Joseph Antonio da Silva, 1729, pp. 41-43.

35 COSTA, Antonio Carvalho da - *Corografia*, I, Lisboa: Valentim da Costa Deslandes, 1706, p. 162-163) (em seguida, apenas *Corografia*).

Saúde) aonde ainda hoje se vai em procissão no dia da festa de Santiago com a imagem do Apóstolo, partindo da igreja paroquial. Esta lenda tem muito a ver com uma matriz muito frequente em Portugal que pretende explicar o surgimento de cultos locais à Virgem com a descoberta ocasional de uma imagem perdida ou eventualmente escondida em tempo das invasões árabes.

Também segundo a lenda da freguesia de Santiago da Capela (Penafiel), o Apóstolo pernitoou ali uma vez durante a sua viagem peninsular, “numa capela que ainda não era dele” mas que, logo a seguir, lhe foi dedicada, e ao lado da qual havia a Fonte da Capela das Oliveiras. Um ano, apertado por grande seca, o povo lembrou-se de levar a imagem do santo para a fonte, e deixou-a lá toda uma noite. No dia seguinte, havia já água com fartura, de tal modo que nunca mais faltou. A fonte passaram então a dizê-la “de Santiago”<sup>36</sup>.

Mas a lenda de Santiago evangelizador peninsular foi durante muito tempo suplantada pela do Mata-Mouros. Esta lenda misturou-se com a própria História. Recordo que a batalha de Ourique (1139) e o milagre de que — pretenderam — foi acompanhada ocorreram em dia de Santiago: certamente que não por acaso.

Em Torres Novas, na Igreja de Santiago, por exemplo, lá está gravado na pedra: “Na quinzena supra daquele Março da era do Snr. Jesus de 1147, cavalgava à frente da sua pequena hoste o moço rei D. Afonso Henriques de regresso a Coimbra depois de conquistar Santarém, quando ali por alturas de Pernes, resolveu conquistar também o castelo de Torres Novas; para aqui se dirigiu e neste local rogou o auxílio de Deus e de sua Bendita Mãe e a intercessão de S. Tiago, construindo depois uma capela em sua honra que depois seu filho D. Sancho transformou nesta igreja”<sup>37</sup>.

Mas a lenda não respeita quase nunca o rigor histórico. Assim, diz uma lenda do lugar de Santiago, da freguesia de Escurquela (Sernancelhe)<sup>38</sup>, que dali “teria arrancado o Apóstolo a cavalo e armado para pelejar ao lado dos cristãos e ajudá-los a desbaratar os mouros”<sup>39</sup>.

Em Vila Boa do Bispo (Marco de Canavezes), houve uma “ecclesia sancti jacobi de Mexedi”, no lugar de Mexide, documentada já no ano de 1096, à qual está ligada uma lenda recolhida por Carvalho Costa na *Corografia Portuguesa*. Um monte particularmente alto e sobranceiro ao rio Douro que pertence a esta freguesia, certamente um lugar de culto pré-cristão, viria a chamar-se Santiago de Arados ou Serra de Santiago. Ali existia “uma ermida deste Santo Apóstolo ... frequentada de muitas freguesias com clamores anuais, por voto de seus antepassados, dizem uns, que por o Santo os favorecer aqui numa ocasião em que os Mouros na restauração de Es-

36 Uma outra lenda muito semelhante a esta é a da “fonte de Santiago” (documentada em 1117), situada junto à capela de Santiago do Monte em Oliveira do Douro (Vila Nova de Gaia).

37 Efectivamente, a igreja de Santiago de Torres Novas foi edificada no tempo de D. Sancho I, e substituiu uma primitiva ermida que D. Afonso Henriques dedicara ao Apóstolo Santiago e havia sido sagrada em 1203.

38 Neste lugar existe hoje uma capela de Santiago.

39 Citada por COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, II, Lamego, 1979, p. 213.

panha se haviam amparado deste sítio que os Cristãos lhes ganharam numa noite, ajudando-se do estratagema de pôr luzes nas pontas do gado, e guiá-los alguns por uma parte, em quanto os mais subiam por outra<sup>40</sup>.

A própria iconografia perdeu muitas vezes o sentido da lenda de Santiago Mata-Mouros, a brandir a espada, com sarracenos decepados ou vivos ainda mas caídos aos pés do seu cavalo. Assim, na freguesia do Vale da Senhora da Póvoa (Penamacor), antiga Vale de Lobo, que tem Santiago por orago, explicaram-me que Santiago é normalmente representado a cavalo pois que foi assim que conseguiu chegar mais rapidamente de Jerusalém à Península para aqui pregar o Evangelho.

Se as lendas do Mata-Mouros espelham a dureza da luta da milícia cristã, nos tempos da Reconquista, seguir-se-iam os tempos mais dialogantes do Moçarabismo.

Em Santiago de Barbeita (Monção), “É tradição, que no tempo [em] que os Mouros senhorearam esta terra, vindo alguns Cristãos sobre um Mouro para o matarem, ele apertou as pernas ao cavalo chamando por Santiago, que se o livrasse, se faria Cristão. Não havia ali ponte, e com ser o rio largo, aparecendo Santiago ao Cavaleiro, o saltou perfeitamente, com que o pôs em seguro, e o Mouro se bautizou depois, e em memória do sucesso puzeram este padrão. Dizem muitos, que aonde se fundou a ponte, estavam insculpidas na rocha as pegadas do cavalo, que os pedreiros gastariam para assentar a pedra, ou estarão debaixo dela<sup>41</sup>.

### 3. A corrupção da peregrinação

De longe que a peregrinação entrara em grande decadência. O primeiro sintoma poderá ter sido a peregrinação por substituição. Como no paganismo ou mesmo no Judaísmo, era o *sacerdos* ou o *pontifex* que se entendia com Deus; para tal havia o *sancta sanctorum*. O fiel pagava. Era assim a peregrinação por substituição, prática que se tornou-se normal.

Alguns exemplos. Em 1263, João Diogo apontava em testamento uma certa quantidade de dinheiro a quem fosse por ele a Santiago da Galiza<sup>42</sup>.

Em 1269, Domna Dominica Joannis deixava em testamento “ homini, qui vadat pro me ad Sanctum Jacobum sex libras, et quatuor libras pro offerta<sup>43</sup>. Ilvira Soares, em testamento de 28 de Abril da era de 1290 deixou “a quem vá por mim a São Tiago de Galiza hum moravid e meyo<sup>44</sup>.

40 *Corografia*, I, p. 397. Esta antiga capela existia já, de facto, no ano de 1096 (vid MOREIRA, A. Domingos - “Freguesias da Diocese do Porto. Elementos onomásticos alti-medievais, I Parte”, Separata do *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, XXXIV-1/2 [1973]162). Há uma lenda semelhante referida a São Torcato de Guimarães: “Andava S. Tocatre (*sic*) em guerra, e o inimigo matou-lhe muita gente. Mas, por milagre de Deus, apareceram-lhe muitos cabritos com archotes acesos atados nos galhos, e o inimigo cuidando que eram tropas do Santo, fugiu e S. Tocatre venceu” (VASCONCELOS, J. Leite de - *Contos Populares e Lendas*, I Vol., Universidade de Coimbra, 1979, p. 589).

41 *Corografia*, I, p. 215.

42 AMAPG - Pergaminho XXXI.

43 *Id.*, *Testamentos e Doações*, I, p. 354.

44 *Ibid.*, p. 148v.

Em 1350, registava assim Nicolau Giraldes, mercador de Guimarães: “mando que pello meu auer enuiem hum homem a Santa Maria de Recamador que van alo por mim em Romaria e mando alo dizer hua missa e ponha hi hua candea, e hua obrada por mim e fassa çerto por escritura publica como ala foi. Item mando q pello meu hauer inuiem outro homem a São Tiago de Galiza, e mandem alo dizer outra Missa e ponhão hi otra candea, e obrada por mim”<sup>45</sup>.

E quantos mais utilizaram esta prática! Assim fez a filha do rei D. Manuel I (1495-1521): “A Frei André de Fezes pediu a infanta D. Maria, filha daquele monarca, ‘para fazer por ella uma romaria a Santiago da Galiza’”<sup>46</sup>.

Mas outras notícias há da decadência da peregrinação. Espalhou-se por Portugal ao correr do séc. XIV, um *Livro*, acabado de escrever em 1316, dito *das Confissões*, que recomendava aos confesores que

«os que andam romarias muitas<sup>47</sup> ... e algumas romarias muito são de castigar e de reprender, porque muito bem se perdem [*osromeiros*] em andar alguns caminhos, e [*nas romarias*] se esfria a devoção»<sup>48</sup>.

Com o aparecimento da *Devotio Moderna*, a espiritualidade cristã recentrava-se na figura de Jesus. A partir daí, o culto dos santos começou a ser posto em questão. Quanto à peregrinação propriamente dita, a *Imitação de Cristo* (séc. XV) haveria de dizer: “Qui multo peregrinantur, raro sanctificantur”<sup>49</sup>.

O *Tratado de Confissom*, editado em 1489 em Chaves, cidade de intensa passagem na peregrinação jacobéia, regista sobre a peregrinação duas posições divergentes: falando de faltas não especialmente graves (“outros pecados”), recomendou se fizesse delas penitência “per esmola e per romarias”; no entanto, pouco adiante, como que corrige o anteriormente dito: “Muito devem os confesores dizer aos homens, às mulheres e aos mancebos que não andem em romarias pelo mundo; é que pelo ver [e] pelo ouvir podem depressa pecar e fazer pecar os outros. Como penitência apontem-se-lhes outras cousas, por exemplo, que vão à igreja ouvir missas e as horas canónicas e as pregações; e que, uma vez aí, digam o *pater noster* e a *ave maria* e outras orações, com os joelhos em terra”<sup>50</sup>.

Começava a ser lançado o anátema sobre a peregrinação. O adagiário popular logo tomou nota: “Boa romaria faz quem em sua casa fica em paz”<sup>51</sup>.

45 *Ibid.*, pp. 114 e 116v.

46 SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *História de Portugal*, III, Lisboa: Verbo, 1978, p. 338, citando Frei Manuel de Monforte - *Chronica da Provincia da Piedade*, livro IV, cap. XXIX, pp. 578-579.

47 Esta palavra – *romaria* – designava originariamente uma peregrinação a Roma. Passou depois a dizer uma qualquer peregrinação ou viagem piedosa. Só mais recentemente se limitou à festa popular que se gerava à volta do santuário a que se peregrinava.

48 PÉREZ, Martin - *Livro das Confissões [Mosteiro de Alcobaça, 1399]*, ed. de José Barbosa Machado e Fernando Torres Moreira, 2005, s/l: Publicações Pena Perfeita, Parte I e II, p. 197.

49 XXIII,4.

50 *Tratado de Confissom*, Lisboa: INCM, 1973, pp. 192 e 198.

51 MELLO, Fernando Ribeiro de - *Provérbios e ... Lugares comuns portugueses*, Lisboa: Afrodite, 1974, p. 154.

No caso das mulheres percebe-se bem porquê. Basta ler os nossos Romanceiros populares:

“Por aquelles montes verdes  
Uma romeira descia;  
Tam honesta e formosinha  
Não vae outra á romaria.  
Sua sáia leva baixa  
Que nas ervas lhe prendia;  
Seu chapelinho cahido  
Que lindos olhos cubria!  
Cavalleiro vae traz d’ella,  
de má tenção que a seguia!  
Não a alcança por mais que ande,  
Alcançal’a não podia,  
Senão no adro da ermida.  
À sombra da arvore benta  
A romeira se acolhia:  
– Eu te rogo, cavalleiro,  
Por Deus e a Virgem Maria.  
Que me deixes ir honrada  
Para a santa romaria.  
Cavalleiro, de malvado,  
Nem Deus nem rasão ouvia,  
cego no desejo bruto,  
De amores a accommetia.  
Pegaram de braço a braço,  
Lucta de grande porfia!  
A romeira, por mais fraca,  
Enfim rendida cahia...  
No cahir, lhe viu à cinta  
Um punhal que elle trazia;  
Com toda a força lh’o arranca  
No coração lh’o metia.  
O sangue negro saltava,  
o negro sangue corria...  
“Por Deus te peço, romeira,  
Por Deus e a Virgem Maria,  
Que o não digas em tua terra,  
Nem te vás gabar à minha  
Da vingança que tomaste,  
Da affronta que eu te fazia.



– Hei-de dizel’o em tua terra,  
 Hei-de me ir gabar à minha,  
 Que matei um vil cobarde  
 Co’as armas que elle trazia (...) <sup>52</sup>.

Almeida Garrett recolhe um outro romance, referido expressamente à peregrinação jacobea:

Preso vai o conde, preso,  
 preso vai a bom recado;  
 não vai preso por ladrão  
 nem por homem ter matado,  
 mas por violar a donzela  
 que vinha de Santiago;  
 não bastou dormir com ela  
 senão dá-la a seu criado! (...) <sup>53</sup>.

Eram tão raras, por tudo isto, as peregrinas sós que o povo pôde concluir: “romeira, rameira” <sup>54</sup>.

Por isso, “Mal parece, ó romeira, / sozinha nesta terra” andar!, estranhou o rei quando soube desamparada por caminhos de peregrinação “uma romeira linda como uma estrela” <sup>55</sup>.

A romeira, a mulher, o amor. Quando ilícito, o amor é obra do diabo. Assim o dizem as duas lendas registadas pelo Pe. Firmino Martins que tentam explicar as origens da devoção jacobea em Edral (concelho de Vinhais) bem como da capela de Santiago, do lugar de Ribas. Numa como na outra, um fidalgo e um lavrador abastado apaixonam-se por formosas aldeãs. Só no momento em que quase concretizam o seu amor, vêem que as amadas têm pés de cabra, “um horrível demónio”, de quem se livram invocando Santiago <sup>56</sup>.

52 BRAGA, Teophilo - *Romanceiro Geral Português*, Lisboa: Manuel Gomes Editor, 1906, pp. 409-410. Este romance titulado “A Romeira” tem várias versões, todas registadas por Teófilo Braga; a que segue é a “versão do Minho e Trás-os-Montes”. Uma outra é registada por MARTINS – *Folklore*, pp. 208/209.

53 GARRETT, Almeida - “*Justiça de Deus*”, in *Romanceiro* publicado nas *Obras Completas* de Almeida Garrett, Vol II, Porto: Lello & Irmão, s/d, p. 901.

54 “La romera asaltada o violada es casi un tópico en la literatura hispánica medieval: es un caso particularmente conflictivo, ya que es una muestra más de la prepotencia del caballero sobre sus inferiores, y particularmente sobre las mujeres, ya que el asaltante o violador suele ser un noble malhechor: es el poderoso que explota al indefenso, al desvalido. (...) La violación de una peregrina a Santiago es un tema con múltiples versiones, pero el esquema es siempre el del poderoso que no respeta a la devota a Santiago y por ello recibe su castigo” (VÁZQUEZ, Marta González - *Las mujeres de la Edad Media y el Camino de Santiago*, Xunta de Galicia, 1989, p. 34). Esta palavra *romeiro/a* designava, primitivamente, um peregrino a Roma. Depois aplicou-se a todo o peregrino, qualquer que fosse o seu destino: Compostela, Roma, Jerusalém ou outro. O peregrino de Jerusalém, também se chamava *palmeiro*, por causa da palma que colocava no chapéu, cumprida a peregrinação

55 MARTINS - *Folklore*, p. 148.

56 *Ibid.*, pp. 87/89. A antiga paróquia de Santiago de Frades foi mais tarde anexada a esta de Edral: ao perímetro da freguesia pertence também o lugar de Ribas, cuja capela de Ribas é dedicada a Santiago Menor. Será por confusão com o Maior?

A peregrinação a Compostela comportava perigos, riscos e situações imprevistas. É o que conta também, por exemplo, a “lenda do Nabo” ou “da Cabeça”<sup>57</sup>, de Trás-os-Montes, que aqui não refiro por demasiado longa. Carvalho Costa regista outra versão que “a tradição confusamente refere”:

«Hum Varão justo nos tempos antigos fazendo viagem com seu companheiro a visitar com devoção o sepulchro do grande Apostolo de Espanha, fizeram pacto que se algum dos dous neste caminho rendesse os últimos alentos da vida, o outro lhe cortasse a cabeça, & a levasse em romaria, para que ao menos morta tributasse feudos de veneração ao respeitoso cadáver daquele assombro de santidade; e sucedendo falecer um deles, & executandose o pacto, continuou o companheiro sua peregrinação até esta referida Ermida de Santiago [de Torre de Moncorvo], aonde se achou imóvel, & de todo entorpecido para sahir della: manifestando o prodígio, deixou em prenda a venerável cabeça, & seguiu seu piedoso caminho: desta reliquia se conserva somente a caveira.»<sup>58</sup>

Por tudo isto se dizia no nosso Romanceiro:

“Sant’Iago da Galiza,  
longe fica o vosso altar:  
peregrino que lá chegue,  
não sabe se há-de voltar”<sup>59</sup>.

São conhecidas também as histórias, verídicas umas, lendárias outras, de dificuldades em que peregrinos se viram envolvidos: roubos, assassínios, assaltos, a venda de comida estragada ou falseada, de vinho avinagrado, etc. Ainda hoje se diz — no adagiário popular — que “no caminho francês, vende-se gato por rês”. Mas já o *Codex Calixtinus* prevenia contra estes trapaceiros.

Falando em assassínios, um exemplo do nosso Romanceiro popular:

Deram com o conde Flores  
Que vinha da romaria:  
Vinha lá de Santiago,  
Santiago da Galiza;  
Mataram o conde Flores,  
A condessa vai cativa.  
Mal que o soube a rainha,  
Ao caminho lhe saía. (...) <sup>60</sup>

57 TAVARES, Pe. J. A. - *Monografia de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> da Teixeira*, Moncorvo: edição da Associação Cultural do St<sup>o</sup> Cristo, 1985, pp. 29-31.

58 *Corografia*, I, 420-421.

59 GARRETT, Almeida - “*Cantiga segunda*”, in *Obras Completas*, Vol I, Porto: Lello & Irmão, s/d, p. 1887.

60 GARRETT, Almeida - “*Rainha e cativa*”, in *Romanceiro* publicado nas *Obras Completas* de Almeida Garrett, Vol.

Mas como não recordar o assalto de que foi vítima o italiano Nicola Albani que em 1743, regressando já de Compostela, foi atacado nas serranias de Ponte de Lima por um indivíduo a quem resistiu e que acabou por deixar às portas da morte, episódio enriquecido com uma pequena “banda desenhada”<sup>61</sup>? E como não lembrar também os pobres padres Francisco Padilla e Francisco da Conceição que, em 1621, no regresso de Compostela, por alturas de La Guardia, foram roubados de todo o dinheiro e outros bens que traziam<sup>62</sup>.

A peregrinação compostelana conhecia, de facto, tempos de decadência Detectados já no séc. XVI no XVIII eram evidentes. Disto nos dá conta um *Romance da Alma* recolhido por Leite de Vasconcelos em Ourilhe (Celorico de Basto), curiosamente uma paróquia de Santiago:

Alma vae a S. Thiago,  
 Vae cumprir a romaria;  
 A companhia que levava  
 Era a Virgem Maria.  
 O Peccado ia atrás  
 A ver se a tentaria.  
 – Vae-te d’ahi, ó demónio,  
 Deixa a alma, que é minha,  
 Que me deram de alvíçaras  
 Por um filho que eu tinha.  
 Chegou mais adiante;  
 Caiu a um poço sem fundo,  
 D’onde sahir não podia. (...) <sup>63</sup>

Definitivamente, a peregrinação não cumpria já seus intentos de redenção.

Perante isto, não pode a gente admirar-se que, pouco depois, alguém tenha colocado num painel de azulejos que ainda hoje se pode ver no adro da igreja paroquial de Santiago de Fontes (Santa Marta de Penaguião) a seguinte quadra:

Dar pousada aos peregrinos  
 Vale menos do que dar  
 Moradia às pobres almas  
 no coração do lugar.

---

II, Porto: Lello & Irmão, p. 827.

61 Ver VON SAUCKEN, Paolo G. Caucci - “La via Lusitana en los relatos de los peregrinos italianos”, in *Actas do I Congresso dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela*, Lisboa: Távola Redonda, 1992, p. 248.

62 MOREIRA, Manuel António Fernandes - “A Misericórdia de Viana na rota dos peregrinos de Santiago”, in *Estudos Regionais* (Viana do Castelo) 13/14 (Dezembro 1993) 64.

63 VASCONCELOS, J. Leite de - *Romanceiro Português*, Lisboa: David Corazzi Editor, 1886, pp. 34-35.

## II. Santiago na cultura popular portuguesa

Não é novidade nenhuma afirmar que a peregrinação a Compostela ajudou a construir a Europa. Foi de um grande intercâmbio que se tratou. E a cultura popular europeia ainda hoje testemunha esse grande diálogo e essa imensa troca.

### 4. A Iconografia jacobea

Um muito interessante artigo de Bergoña Farré Torras acabado de publicar na revista *Medievalista*<sup>64</sup>, dispensa-me diga aqui da importância da iconografia jacobea, esculpida ou pintada.

De uma maneira geral, são relativamente tardias as imagens portuguesas de Santiago. Em princípio, as mais antigas remontam aos sécs. XIV ou XV, mas uma ou outra pode ser anterior; a maior parte, no entanto, é do período barroco. Os tempos que se seguiram ao Tridentino precisaram de representações conformes à sensibilidade espiritual e pastoral do tempo. Surgiu, por isso e por todos os lados, uma estatuária a propósito, a apontar modelos e fabricada ao gosto estético da época, ora artisticamente elaborada, ora popular e ingénuas.

As imagens mais frequentes são as de Santiago peregrino: quase sempre veste uma túnica até aos pés e com cinto, capa ou romeira, chapéu, bordão, saco e vieira. Por vezes, o vestido é curto deixando a descoberto os tornozelos: caminhar montes e vales, terrenos alagadiços e matos altos, não se compadece com vestes até ao chão. Os pés, quase sempre calçados, podem também aparecer descalços. Estas representações têm normalmente uma solenidade contida, e a figura do Apóstolo está sempre de pé.

Como Apóstolo, Santiago é apresentado fundamentalmente com um livro na mão esquerda — “Ide e ensinai todas as nações (Mt 28,19)” — embora se lhe acrescentem quase sempre algumas das insígnias do peregrino.

Muito diferentes são as imagens de Santiago Mata-Mouros. Sempre a cavalo, em pose ou a galope, o Apóstolo empunha então uma lança ameaçadora, tendo ou não, a seus pés, um muçulmano ferido ou morto. Estas esculturas, muitas vezes de feição popular, são quase sempre fortemente impressivas. Recordo particularmente o célebre alto-relevo da Matriz de Santiago do Cacém<sup>65</sup>.

As imagens mais frequentes são, porém, as de Santiago peregrino: quase sempre veste uma túnica até aos pés e com cinto, capa ou romeira, chapéu, bordão, saco e vieira. Por vezes, o vestido é curto deixando a descoberto os tornozelos: caminhar

64 “Do Apóstolo ao peregrino: a iconografia de São Tiago na escultura devocional medieval em Portugal”, in *Medievalista* 12 (2012), disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA12/torras12o4.html> (2012.11.08).

65 FALCÃO, José António e PEREIRA, Fernando António Baptista — *O Alto-relevo de Santiago combatendo os Mouros*, Beja: Diocese de Beja e Câmara Municipal de Santiago do Cacém, 2001.



Santiago peregrino, imagem “de calcário e oficina coimbrã do sec. XV» da ermida de Santiago do Arestal, na Junqueira (Vale de Cambra), alto da serra do Arestal: aqui passava um velho caminho proveniente de Viseu e que terminava no Porto.

montes e vales, terrenos alagadiços e matos altos, não se compadece com vestes até ao chão. Os pés, quase sempre calçados, podem também aparecer descalços. Estas representações têm normalmente uma solenidade contida, e a figura do Apóstolo está sempre de pé.

Imagens de Santiago há-as necessariamente em todas as igrejas paroquiais e ermidas de sua invocação. Mas não só. Uma imagem do Apóstolo perdida numa qualquer igreja paroquial ou ermida pode dar notícia de uma devoção jacobea não muito intensa mas quase sempre inserta num caminho de peregrinação, ou mesmo de uma Confraria ou Irmandade “de Santiago”.

São ainda frequentes altares ou imagens de Santiago em igrejas de outras invocações, mais ou menos situadas nos caminhos de acesso a Compostela: só como exemplo, a imagem que existiu na igreja paroquial do Bombarral destruída com a implantação da República, onde, em princípio, se passava na viagem de Lisboa para o Porto. Alguns desses altares já não moram nas igrejas de origem: é o caso do da Catedral do Porto, hoje colocado na paroquial de Lamas (Santa Maria da Feira).

Há ainda a pintura, não especialmente interessante e quase sempre de feitura artesanal<sup>66</sup>, a ourivesaria (o medalhão da cruz paroquial de Santiago de Figueiró [Amarante], ou a imagem de Santiago Matamouros, do séc. XVII, oferecida pela Duquesa de Aveiro à Catedral de Compostela<sup>67</sup>).

Curiosamente, é no campo da iconografia que melhor se nota a decadência que a devoção jacobea conheceu, sobretudo ao longo dos sécs. XIX e XX.

Antes de mais, Santiago confundiu-se com São Martinho (de Tours), devoção muito popular em Portugal. Na freguesia de Ronfe (Guimarães), que tem por orago

66 Como excepção a esta afirmação genérica, refira-se o célebre *Retábulo da Vida e Ordem de Santiago*, de proveniência desconhecida, pertencente ao acervo do Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa (GONÇALVES, Flávio - *O Retábulo de Santiago*, [Lisboa:] Artis, 1963).

67 *Luces de peregrinación [Catálogo de Exposición]*, Xunta de Galicia, 2003, pp. 68.70.



Medalhão de prata da Cruz Paroquial de Santiago de Figueiró (Amarante).

o Apóstolo Santiago. No tecto da paroquial, existe uma pintura de todo popular que representa Santiago, com cabaça e a cavalo, rodeado de pobres: iconograficamente uma mistura de Santiago com S. Martinho de Tours. O mesmo aconteceu, mais recentemente, em Santiago de Vila Chã (Ponte da Barca): não há muitos anos, um grupo de emigrantes locais patrocinou e mandou colocar na frontaria da igreja paroquial um painel de azulejos que se pretendia representassem Santiago, mas que iconograficamente é S. Martinho: um cavaleiro a dividir a capa com um pobre!

Pode ainda falar-se de confusão iconográfica no caso de uma pintura que existe na paroquial de Santiago do Vale da Senhora da Póvoa (Penacova), antiga Santiago de Vale de Lobo, onde paradoxalmente a figura de Santiago é copiada de uma muito conhecida representação de S. Francisco Xavier (1506-1552) brandindo a cruz aos goeses ajoelhados. Resultou a telas num Santiago a fazer o mesmo aos romanos peninsulares, mas já com as torres de Compostela por fundo.

Mas a maior confusão de Santiago Maior é com o chamado Menor<sup>68</sup>. Embora a devoção do Maior seja mais antiga, também Santiago Menor gozou de considerável

68 O primeiro, dito o Maior, era irmão do Apóstolo João (Mc 1,19) e filho de Zebedeu (Mc 3,17) e de Salomé (Mc 15,40 e Mt 27,56). Um segundo Tiago era filho de Alfeu (Mc 3,18) e, como o anterior, discípulo de Jesus: fazia parte do grupo dos Doze (Act 1,13). O terceiro - dito Santiago Menor - era possivelmente (?) filho de Maria, a mulher de Cléofas (Jo 19,25), e irmão de José (Mc 15,40), é certamente o mesmo que noutro lado (Mc 6,3) é chamado "irmão do Senhor" e que viria a ter um papel importante na primitiva Comunidade de Jerusalém (Gal 1,19; 2,12; Act 12,17 e 15,13).



Pormenor do altar de Santiago da Sé Catedral do Porto, hje na paroquial de Lamas (Santa Maria da Feira).



Sepultura em forma de barco, no adro da paróquia de Serzedelo (Guimarães); a tampa ostenta o bordão e as vieiras jacobeitas.



A tampa da sepultura em forma de barco da paróquia de Serzedelo (Guimarães); o bordão e as vieiras jacobeitas.



Tampa de uma sepultura na igreja paróquia de Ferreira (Paços de Ferreira): o peregrino e seu bordão



aura em Portugal, como mostra o facto de, em 1212, a rainha D. Urraca (1187-1220) ter doado à catedral compostelana uma relíquia deste último Tiago. Há mesmo uma capela de Santiago Menor no lugar de Ribas da freguesia de Edral (Vinhais) e a freguesia de Peral (Proença-a-Nova) tem-no até por Orago. Pode também ter sido dedicada a Santiago Menor a freguesia de Urra (Portalegre), hoje atribuída ao Maior<sup>69</sup>.

A festa litúrgica do Maior fixar-se-ia a 25 de Julho e a do Menor a 1 de Maio (deslocada em 1955 para 11 do mesmo mês, e em 1969 para 3 de Maio).

No tempo rural antigo, Maio tinha uma grande importância: era o mês da Primavera florida, das rosas e dos touros, dos amores e das bodas. Na religião romana, depois de Abril, mês dedicado a Vénus, celebrava-se em Maio a *Kalenda Maii*, uma das festas mais alegres e ruidosas de todo o ciclo anual, que assumia mesmo foros de desregramento.

Com a cristianização, estas festas foram transferidas para a Ascensão e dias anteriores (as célebres Rogações). Nelas se procedia à bênção dos campos e do gado, se ornamentavam os cruzeiros com grinaldas de flores (costume passou depois para a cruz do Compasso), e também os altares, as casas e os currais.

Cristianizadas as festas, nem todas as práticas pagãs desapareceram. Assim, a festa da Maia<sup>70</sup>, reminiscência dos antigos cultos dedicados a Vénus, continuou a celebrar-se no dia 1 de Maio: os rapazes colocavam à porta das namoradas um ramo de maias, enquanto os mais novos, de porta em porta, pediam *a maia*, isto é, castanhas piladas e amêndoas.

Tudo isto se concentrou, portanto, no dia primeiro do mês de Maio, numa festa a que se deu o nome de “Santiago o Verde”<sup>71</sup>, por contraposição à de Santiago Maior, celebrada no pino do Verão, em que havia já frutos amadurecidos.



Painel de azulejos na paroquial de Vila Chã (Ponte da Barca): Santiago representado com os motivos iconográficos de Martinho de Tours

69 LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno*, II, Lisboa: Tavares Cardoso e Irmão, 1874, p. 35.

70 MALDONADO, Luis - *Religiosidad popular*, Madrid: Cristiandad, 1975, p. 34.

71 *Ibid.*, p. 36.

Só que, em muitos lugares, a proeminência do Maior fez esquecer o Menor: e as raízes pagãs da festa deste último passaram-se para 25 de Julho, para a festa do Maior.

Assim aconteceu em Ançã (Cantanhede), onde se fazia em 25 de Julho uma romaria a Santiago Maior, em capela de sua invocação, mas com os ritos da festa do Menor, provenientes do paganismo: de manhã, os lavradores traziam o gado, davam com ele três voltas à capela, e pagavam depois as promessas que deviam ao santo com animais de cera e ovos frescos. De tarde, era a vez dos actos religiosos que incluíam a bênção do gado e a “cavalhada” (evolução de um grupo de cavaleiros)<sup>72</sup>, primitivamente rituais do mês de Maio.

Em Santiago de Figueiró (Amarante), na grande festa anual dedicada ao patrono da freguesia, passava-se um pouco o mesmo. Na véspera, realizava-se a feira e o concurso pecuário. No dia, os lavradores traziam o gado para ser benzido e davam depois com ele três voltas à igreja, cumprindo de seguida as promessas feitas por ocasião de doenças dos animais.

Em Santiago de Tremês (Santarém), fazia-se a festa do padroeiro a 25 de Julho. Mas a “dos rapazes”, resquício da velha festa pagã de Vénus, mais tarde cristianizada com o nome de Santiago Verde, essa corria a 3 de Maio. Quando, já na segunda metade do séc. XIX, desapareceu a importante feira da região que se realizava no dia de Santiago Maior, morreu também a festa religiosa, logo depois transplantada para 3 de Maio, sem que hoje se suspeite na terra que o Tiago de Maio não é o mesmo que se festejava em Julho.

Mas a devoção de Santiago não foi apenas confundida com outras; foi também substituída por outras. É o caso de S. Jorge, aclamado como Padroeiro de Portugal em substituição de Santiago, no contexto da guerra da independência de fins do séc. XIV. Assim, em Vilar de Peregrinos (Vinhais), topónimo ligado inegavelmente à peregrinação jacobea, a primitiva paroquial — quase por certo da invocação de Santiago — é hoje uma capela dedicada a S. Jorge. Ao lado, em Vilarinho de Agrochão (Macedo de Cavaleiros), existe também uma imagem de S. Jorge na paroquial. A unir estas duas aldeias, existia um caminho de peregrinação jacobea que, de Mirandela, conduzia a Vinhais. Mais curioso é ainda o caso da capela de Santiago do lugar de Gralhós (freguesia de Talhinhas, Macedo de Cavaleiros): ali, uma imagem de Santiago foi não há muitos anos “repintada” e mais parece agora um S. Jorge, com escudo nacional e tudo.

A terminar, registo um caso muito curioso de substituição da devoção jacobea: no séc. XIX, sobretudo no interior norte do país, o oragado de Santiago foi substituído em muitas paróquias pelas mais diversas invocações de Santa Maria. A autoridade

---

72 Em Compostela, na tarde de 25 de Julho, fazia-se uma solene “procissão, e nessa como elemento característico cavallos ricamente enjaezados” (VASCONCELOS, Carolina Michaelis de - “... Santiago da Galiza, foco onde desabrochou o lirismo popular galego-português”, in *Cancioneiro da Ajuda*, II, Lisboa: INCM, 1990, p. 833).



Imagem do Apóstolo da igreja paroquial de Santiago de Pinheiro de Coja: dos lados de Castelo Branco, passava-se aqui a caminho do Porto.



Imagem da paroquial de Santiago de Sampriz (Ponte da Barca). Por aqui pode ter passado o rei D. Manuel I, no regresso da sua peregrinação a Compostela, no ano de 1502.

eclesiástica pretendeu deste modo obstar aos excessos que se cometiam por ocasião das festas a Santiago, no calor do Verão. Foi assim em Sobradelo da Goma (Póvoa de Lanhoso), Corujeira (Guarda) e Torre de Moncorvo. Santiago de Ourozinho (Penedono) balançou no séc. XIX entre os oragados de Santiago e de Nossa Senhora da Assunção, fixando-se actualmente no primeiro. E Santiago de Vila Meã (Vila Nova de Cerveira), primitivamente uma paróquia da invocação de São Paio, passou depois à de Santiago para, recentemente, voltar à primitiva. Castelões de Santiago (Tondela), por sua vez, abandonando a invocação jacobea, acolheu-se à de O Salvador.

### 5. Confrarias de Santiago

Desde a Idade Média, mais concretamente a partir do séc. XIV, as Confrarias desempenharam um grande papel na sociedade portuguesa. Os *fratres, irmãos* — donde o nome *Confraria* ou *Irmandade*, também *Fraternidade* ou *Confraternidade* — associavam-se com o fim de atingirem um objectivo religioso, o culto de um santo, nor-

malmente. Mudaria o objectivo, mais tarde, que passaria a ser económico-social ou cultural. Nestas associações, os *fratres*, de diferente proveniência social, tornavam-se iguais em termos de objectivos a atingir, de encargos prestados e benefícios recebidos. Desenvolveram-se, sobretudo, estas confraternidades depois do Concílio de Trento: eram, de algum modo, os leigos, a começar a ter voz dentro da Igreja, e os pobres a ter lugar na sociedade. Conseguiram, por isso, diminuir algumas das diferenças existentes na sociedade reforçando-lhe a unidade, inspirando solidariedades e conseguindo mesmo a superação de conflitos.

Algumas destas Confrarias nasceram e desenvolveram-se à sombra da invocação de Santiago, em freguesias de que era orago, em ermidas a ele dedicadas e muitas vezes situadas ao lado de caminhos que levavam a Compostela. Algumas criavam depois albergarias, pousadas ou mesmo hospitais destinados aos peregrinos jacobea. Foi o caso, por exemplo da de Castelo Branco: a capela de Santo Iago «já existia no século XVI... Os bens da Confraria de Santo Iago, ... constituíram a base para a fundação da Misericórdia de Castelo Branco em 1514, juntamente com os das Confrarias de Santo André e de S. João, aos quais foram adicionados mais tarde os da Confraria de S. Pedro»<sup>73</sup>.

Longe de pretender fazer agora uma lista completa das Confrarias de Santiago, aqui ficam registadas algumas: as de Andrães (Vila Real), Bragança, Castelo Branco, Creixomil (Barcelos), Encourados (Barcelos), Ílhavo, Milheirós (Maia), Mondrões (Vila Real), Nespereira (Cinfães), Ponte de Lima, Póvoa de Varzim, Santiago da Cidade (Braga), Santiago de Piães (Cinfães), Torre do Pinhão (Sabrosa), Valpedre (Penafile), Vila Chã (Alijó) e Vila Real. Com o nome de Irmandades, registam-se ainda as de Almalaguês (que construiria depois uma albergaria para peregrinos), Alter do Chão, Santiago de Antas (Famalicão), Arouca, Cambeses (Barcelos), Custóias (Mato-sinhos) e Castelo de Vide<sup>74</sup> (Miranda do Corvo).

Temas afins a este das Confrarias são os das Albergarias e Hospitais, amplamente estudados por Fernando da Silva Correia<sup>75</sup> e José Marques<sup>76</sup>.

## 6. Adagiário jacobea

Pela intensidade do seu culto, Santiago tem também um lugar de destaque no Adagiário medieval português.

Alçada Baptista explicou: “Na divisão ... do tempo [*os antigos*] não seguiam, como normalmente, o calendário comum, apesar de gregoriano. Aqui, referiam sempre o tempo às grandes festividades litúrgicas ou aos dias dos santos: ele era o Natal e a Páscoa como grandes marcos, a Epifania, o Corpo de Deus, Todos os Santos, a

73 SANTOS, Manuel Tavares dos - *Castelo Branco na História e na Arte*, Ed. do Autor, 1958, p. 168

74 A Irmandade dizia-se “de Santiago dos Mercadores”.

75 *Origem e Formação das Misericórdias Portuguesas*, Lisboa: Henrique Torres, 1944.

76 “A assistência no Norte de Portugal nos finais da Idade Média”, in *Revista da Faculdade de Letras do Porto — História*, II Série, VI (1989) 11-93.



Igreja paroquial de Santiago de Mondrões (Vila Real): mesmo ao lado passava a estrada romana que, de Bragança, chegava ao Porto. Santiago Mata-moutros no medalhão da fachada

Imaculada, a Assunção e a Ascensão, o São Miguel, o S. João, etc, etc”<sup>77</sup>. Alçada esqueceu-se de Santiago, que está incluído no etc.

A data litúrgica da festa de Santiago serviu também para referir uma época determinada do ano, a da plenitude do Verão, aquela em que na Natureza principia a maturação dos frutos, mas não só. Assim:

Pelo S. Tiago, pinta o bago!

Pelo S. Tiago, o homem no campo parece o diabo e pelo S. João parece um cão!

Pelo S. Tiago, cada pinga vale um cruzado!

Pelo S. Tiago, pinta o bago e cada pinga vale um cruzado!

Pelo S. Tiago, esconde o coelho o rabo!

Pelo S. Tiago, vai à vinha e acharás bago, se não for maduro será inchado!<sup>78</sup>

Pelo S. Tiago, cada pinga uma canada, pela Santa Marinha uma canadinha!<sup>79</sup>

Pela Santa Marinha, despeja o S. Tiago uma cabacinha!

77 BAPTISTA, Alçada – *Peregrinação interior*, Vol I, Lisboa: Moraes Editores, 1971, p. 39

78 Carolina Michaelis de Vasconcelos informa que “na Sé do Porto (e em muitas outras igrejas) ... um dos mais pingues rendimentos do seu culto [de Santiago] consistia, até ha pouco, no producto da venda das gaipinhas offerecidas no dia 25 de Julho pelas devotas” (“... *Santiago da Galiza, foco onde desabrochou o lirismo popular galego-português*”, in *Cancioneiro da Ajuda*, Vol II, Lisboa: INCM, p. 834).

79 Noutros lados se diz: “... pela S. Tiaguinha ...”. A festa de Santa Marinha celebra-se a 20 de Julho, isto é, cinco dias antes da de Santiago. Curiosidade é que na freguesia de Santa Marinha (Ribeira de Pena), que teve anexa a de Santiago de Soutelo (Vila Pouca de Aguiar), há uma capela de Santiago de grande devoção.

Pelo S. Tiago, atira o sacho p'ro diabo!  
 Malha pelo S. Tiago é de agrado, mas a de Agosto já não dá gosto!  
 São Tiaguinho traz sempre seu cabacinho!

Mais ainda: quando o Outono era pouco chuvoso ou tinha sido pouco o vinho, dizia-se que “Santiago não despejou de todo a cabacinha”<sup>80</sup>. A este propósito, veja-se este curioso ritual:

“Na freguesia de T[r]esouras, no concelho de Baião, há uma capela de S. Tiago; na véspera da festa do santo tapam-lhe a cabacinha e no dia seguinte depois de grandes brincados na igreja vão tirar a rolha da cabacinha, ao fim de 24 horas, na crença de que a água que contém vai condensar-se na atmosfera e daí resultará um ano fértil, por abundância de chuvas. Quando o ano é pouco chuvoso dizem: É que S. Tiago não despejou de todo a sua cabacinha”<sup>81</sup>.

Curioso é que a festa de Santiago era também referência importante para a cultura piscatória. Diziam os pescadores da Póvoa de Varzim, terra de pescadores onde há uma capela de Santiago com sua Confraria: “No mês de S. Tiago vêm os romeirinhos à Terra da Pedra”<sup>82</sup>. *Romeirinhos* eram a pescada e outros peixes de águas mais profundas, pescados preferentemente no mês de Julho. Leia-se portanto: vem aí mau ano se, em Julho, não há fartura de peixe!

## 7. Expressões vindas da peregrinação

Não resisto a transcrever uma espantosa página taxinómica de Paolo Caucci a qualificar a nuvem de parasitas que pululavam as cercanias do caminho compostelano, verdadeiros «enemigos históricos de los peregrinos, ... una desordenada, chillona, ruidosa, sucia, alegre, pendenciera compañía de pícaros, giróvagos, gallofos, tunantes, gitanos, adivinos, nigromantes, pseudo-alquimistas, bribones, trotamundos, belitres, bordoneros, coquillards, buhoneros, merodeadores, saltimbanquis, embaucadores, vagabundos disfrazados de peregrinos, volatineros, holgazanes, farsantes, truhanes con llagas falsas, mendigos profesionales, falsos tullidos, parejas amancebadas, charlatanes, mimos, histriones, prestidigitadores, bufones, salt[e]adores, comediantes, bailarinas, contorsionistas, prostitutas, estafadores, predicadores ambulantes, desertores, fanfarrones, pobres vergonzantes, frailes giróvagos, goliardos, *clerici vagantes*, hidalgos venidos a menos, desheredados, ermitaños... falsificadores de reliquias, portazgueros y falsificadores de salvaconductos y credenciales y com-

80 VASCONCELOS, Carolina Michaelis de - “... Santiago da Galiza, foco onde desabrochou o lirismo popular galego-português”, in *Cancioneiro da Ajuda*, Vol II, Lisboa: INCM, 1990, p. 835.

81 *Almanaque de Lembranças para 1870*, p. 252, citado por COELHO, Adolpho - *Obras Etnográficas* (Vol. I: *Festas Costumes e outros materiais para uma Etnologia de Portugal*), Lisboa: Dom Quixote, 1993, p. 316.

82 GRAÇA, A. Santos - *O Poveiro*, 2ª ed., Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1982, p. 100.

postelas, falsos penitenciaros, vendedores de bulas y reliquias, mercaderes que se aprovechan de las exenciones fiscales, bandidos y ladrones, astutos cambistas, negociantes farsantes, falsificadores de conchas y azabaches y, en especial modo, taberneros, mesoneros, venteros, posaderos ...»<sup>83</sup>.

É no contexto da peregrinação a Compostela, assim descrito, que nascem curiosas palavras novas. *Galhofa*, por exemplo, de *Galli offa* (carne do gaulês). Galhofa era, inicialmente, o que nos conventos e outros lugares de acolhimento se dava aos peregrinos que mendigavam comida ao longo do caminho francês; no meio deles, facilmente se intrometiam os falsos peregrinos. Galhofeiros passaram a ser os falsos peregrinos que, ociosos e folgazões, se apresentavam a pedir sustento; e galhofa passou a ser o barulho que faziam enquanto aguardavam a distribuição das rações.

Ainda neste contexto, me interrogo se o verbo português *palmar*, utilizado no sentido figurado de roubar<sup>84</sup>, não derivará do substantivo homófono *palmar* que significa “peregrino, estrangeiro e de fora do país”<sup>85</sup>. Este peregrino dizia-se originariamente *palmeiro* pois que, no regresso de Jerusalém, colocava uma palma, eventualmente no chapéu, em sinal de peregrinação cumprida<sup>86</sup>.

A mesma interrogação faço quanto ao adjectivo *francês* registado por todos os dicionários e muito utilizado no sentido de *delicado mas falso* ou  *fingido*. Daqui também, a expressão *despedir-se* (ou *sair*) *à francesa*. A um indivíduo *francês*, qualificativo usado neste sentido, podia também chamar-se *jacobeu*, sem mais!

Pela Beira portuguesa, a região entre Tejo e Douro, passavam tantos peregrinos, quantas vezes importunos, que, a um incomodativo besouro se chamava um *santiaqueiro* ou mesmo um *romeiro* ou *romeirinho*!

Ainda do âmbito jacobeu — embora, neste caso, do Mata-Mouros — são as expressões “atirar-se a alguém como Santiago aos Mouros” ou “dar santiago”:

“Estabeleceu-se logo estranho borborinho [*sic*]. Os alferes que o viram cair baixaram as bandeiras três vezes em sinal de retirar. D. Cristóvão, ainda que ferido também na coxa, *deu santiago*. Onde os portugueses pareciam levados de vencida, passaram a acometer”<sup>87</sup>.

A expressão originária depois uma outra — *dar [um] santiago* — ainda utilizada na linguagem popular, a significar dar uma coça ou infligir uma derrota humilhante.

83 VON SAUCKEN, Paolo Caucci - “Prólogo” de BRIONES, Pablo Arribas - *Picaros y picaresca en el Camino de Santiago*, Burgos: Berceo, 1993, p.14.

84 O verbo latino *palmare* significa apenas *marcar com a palma das mãos* ou *empar*.

85 SANTA ROSA DE VITERBO, Frei Joaquim - *Elucidário*, edição crítica de Mário Fiúza, II Vol., Porto: Liv. Civilização, 1993, pp. 461.

86 No Porto e em Lisboa, havia mesmo o Hospital dos Palmeiros.

87 RIBEIRO, Aquilino - *Portugueses das sete partidas*, Lisboa: Bertrand, 1969, p. 91

## 8. Heráldica

É este ainda um mundo a investigar. Existem de facto na Heráldica portuguesa mais de 30 brasões<sup>88</sup> que utilizam motivos jacobea: vieiras, bordões e o próprio chapéu dos peregrinos. Porquê tantas vieiras, alguns bordões, chapéus e cabaças, tantos motivos jacobea? Nem todos terão a ver com a peregrinação. Mas muitos sim.

As vieiras são o motivo mais frequente: Era do interior da Europa a maioria dos europeus que demandavam o Finisterra. Deslumbrados com a beleza do *occidere* do Sol no mar, ficavam também estupefactos com o encanto das conchas ou vieiras que, junto do oceano, viam pela primeira vez. Quem não levanta do chão uma concha perdida na areia?

Um meritório medievalista português, Mário Martins (1908-1990), perguntava em 1963 donde viria o “costume (*do uso das vieiras, pelos romeiros de Compostela*)... Teriam elas qualquer sentido místico? Mas, por que razão as conchas enraizaram nas peregrinações compostelanas e nas outras não?”<sup>89</sup>. Creio bem que nasceu na peregrinação pagã ao Finisterra o costume da apanhar na praia onde morre o Sol a concha, sinal de romaria cumprida.

Ainda no campo da Heráldica, há a procurar mais que os simples brasões. Em Vila Nova [de Gaia], na primitiva igreja do Convento do Corpus Christi, destruída a quando da construção do actual edifício, em 1688, existiu uma capela de Santiago que, depois de um longo litígio entre as religiosas e o seu patrono, seria substituída por um altar de Santiago na igreja do convento novo, entretanto desaparecido. A sua imagem está hoje colocada no altar-mor. De resto, nesta mesma igreja está sepultado o cavaleiro Álvares Anes de Cernache que foi o alferes porta-bandeira do Ala dos Namorados na batalha de Aljubarrota e o fundador da Casa de Campo Belo, em cujo escudo, esculpido na tumba, há onze vieiras de Santiago.

## 9. Outros resquícios da peregrinação

Da Botânica, é ainda preciso citar a popularmente chamada *Erva de Santiago*, nome que em Trancos, terra de intensa devoção jacobea, se dava à Tasninha (*Senecio jacobaea*. L), uma planta medicinal antidiarréica<sup>90</sup>, certamente muito utilizada pelos peregrinos compostelanos para atalhar as complicações frequentemente causadas por alimentos estragados.

---

88 Os brasões das famílias Calça, Calheiros, Romeiro e Vieira são porventura os mais eloquentes. Mas os Barroso, Barradas, César, Dorant, Fernandes, Gondar, Gundar, Holbeche, Macedo, Mariz, Pimenta, Pimentel, Ramires, Rego, Rocha, Romo; Sequeira, Velho e Vogado vêm logo a seguir. E há ainda os Anasco, Camelo, Correia, Joanes, Kennedy, Lemerchier, Sem, e muitos mais.

89 MARTINS, Mário - “As vieiras dos peregrinos de Compostela”, in *Brotéria* LXXVI [1963] 167.

90 VASCONCELOS, Prof. António de - *Dicionário das Plantas de Portugal que teem nome popular*, Porto, 1915, pp. 32 e 83.





No Porto, na capela do Senhor do Olho Vivo, à Lapa, hoje dita do Senhor do Socorro, guarda-se uma coluna que tem insculpida a figura de um peregrino de Santiago. Em cima colocou-se um crucifixo muito semelhante a tantos outros padrões da Contra-reforma, espalhados pela cidade e arredores. Por este lugar da cidade passava a velhíssima estrada que seguia para Braga, caminho normal dos peregrinos de Compostela

Em Santiago de Fontão (Ponte de Lima), que belas peras comi eu não há muitos anos, em dia da festa do Apóstolo, pequenas e bem rosadas, apetecíveis e saborosas! O mesmo se diga de algumas maçãs ditas também “de Santiago”, temporãs e vermelhinhas, um pouco abaixo no mapa, em Santo Tirso!

Outras memórias há certamente. Do mundo infantil o jogo chamado “Cadeiras de S. Tiago” que o Pe. Firmino Martins descreve na sua obra já várias vezes citada<sup>91</sup>.

No domínio do vestuário, aquela peça a que os castelhanos chamam *esclavina* dizêmo-la nós uma *romeira*, de tanto usada na peregrinação.

A toponímia é também muito importante: são muitas mais as povoações com nome de “Santiago” que os lugares de culto jacobeu, actuais ou desaparecidos. Mas há imensos outros hagiopónimos compostos com o determinativo “de Santiago”: Buraco, Campo, Casal, Castro, Cabeço, Fonte, Fraga, Herdade, Horta, Largo, Leira, Moita, Monte, Ponte, Porto, Quinta, Rua, Serra, Vale. Há ainda Alminhas de Santiago, Casas de Santiago, Cruzeiros de Santiago, Portas de Santiago em vários amuralhados medievais, um marco geodésico, e três estações de caminho de ferro (uma na linha do Douro, em Santiaguinho (Penafiel); e duas na desactivada linha do Vouga, em Santiago de Riba-Ul (Oliveira de Azemeis) e em Poço de Santiago, em Pessegueiro (Sever do Vouga). E não vamos falar aqui da infinidade de estabelecimentos comerciais ditos também “de Santiago”, de cafés a restaurantes, de pronto-a-vestir a stands de automóveis...

Festas e feiras, inúmeras. Em princípio, todas as freguesias e ermidas de Santiago, pequenas que sejam, têm a sua festa ao Apóstolo. No entanto, quantas festas e feiras “de Santiago” aparecem em povoações de outras invocações, muitas delas a dar notícia de antigos lugares de um culto desaparecido!

<sup>91</sup> MARTINS – *Folklore*, p. 307

Caberia aqui uma palavra ainda sobre o ordenamento jurídico da peregrinação. Mas esta área, está francamente por estudar<sup>92</sup>. De facto, a peregrinação levantava problemas de todo o tipo, antes, durante e depois. Fernando Dias, de Guimarães, peregrino em 1173, preparou assim a sua:

«Ego, & mei fratres et sorores debemus partiri in terra de Galexia. ... Mando Sanctæ Mariæ de Vimar. quintam partem de hereditate de Freitas quam sortitus sum cum meis fratribus. ... allia quatuor quinta remaneneant meis filliis & filliabus ... talli pacto ut mei fillii non vendant, nec donnent illam, nec subpignorent sed cum unus illorum obirit pars ejus remaneat Ecclesiæ Sanctæ Mariæ de Vimar. & similliter portio omnium meorum filliorum & filliarum cum singulariter obierint singulariter remaneat Ecclesiæ jam dictæ. Ita quod omnibus meis filliis, & filliabus mortuis Ecclesia Sanctæ Mariæ de Vimar. habeat totam perfectam hereditatem integram jure hereditario in perpetuum, & mei fillii, & filliæ non habeant potestatem relinquendi suis filliis sed ego mando quod post mortem illorum remaneat tota ipssa hereditas Ecclesiæ Sanctæ Mariæ de Vimar.»<sup>93</sup>.

Em Portugal, este é um grande e aberto campo de investigação. O pouco que tenho encontrado só indirectamente se refere à peregrinação jacobea, para além das recomendações dos Sínodos Diocesanos, ordenando “Que os clérigos não saiam em peregrinação, para fora do reino, mesmo que seja para estudar, sem nossa licença” — assim dizia o Sínodo de Braga de 1281<sup>94</sup>. E, na mesma, o de Valença do Minho de 1444, determinava:

“Estabelecemos e mandamos que nem um clérigo beneficiado no dito nosso bispado não vá a romaria nem a estudo fora do reino sem nossa licença. E fazendo o contrario, seja suspenso do benefício por um ano”<sup>95</sup>.

Apesar de todos os cuidados, o absentismo pastoral, fruto da simples negligência ou dos mais variados motivos, foi um dos maiores problemas da Igreja durante toda a Idade Média.

92 Outra área que exige estudo é a da Parenética jacobea.

93 “Eu e meus irmãos e irmãs projectamos partir para a terra da Galiza. (...) Doo a Santa Maria de Guimarães uma quinta parte da propriedade de Freitas que possuo juntamente com meus irmãos. (...) Os outros quatro quintos fiquem para meus filhos e filhas” mas com a condição de que eles “não vendam, nem doem, nem subpenhorem, antes, morrendo algum, a sua parte fique para a Igreja de Santa Maria de Guimarães. De igual modo, quando cada um dos meus filhos morrer, a sua respectiva parte ficará também para a Igreja acima referida. Assim, quando morrerem todos os meus filhos e filhas, a Igreja de Santa Maria de Guimarães possuirá a totalidade da propriedade referida, segundo o direito hereditário, e in perpetuum. Os meus filhos e filhas não terão o direito de deixá-la aos seus filhos. Mando que, depois da sua morte, a totalidade da propriedade seja da Igreja de Santa Maria de Guimarães” (AMAPG - *Testamentos e Doações*, II, p. 199v).

94 *Synodicon Hispanum - II Portugal*, Madrid: BAC, 1982, pp. 15-16.

95 *Ibid.*, p. 437.

Repetiu-se, mais tarde, a tentativa de desviar o clero da peregrinação a Compostela. Eram os meados do séc. XVII, Portugal lutava por recuperar a independência perdida, o que conseguiria em 1640. Nesta altura, recusava-se quanto de Espanha viesse: “De Espanha, nem bom vento nem bom casamento!” — dizia o refrão popular que ainda perdura. Pretendeu-se então que «as romarias a Compostela e Senhora de Guadalupe seriam comutadas pelas da Senhora da Lapa e São Gonçalo de Amarante»<sup>96</sup>, aquelas duas espanholas, estourtas portuguesas. O que se não conseguiu, no entanto.

E muito mais. Mas é preciso terminar. Há no entanto que estudar determinações das Cortes portuguesas, a procurar decisões referidas à peregrinação. Do pouco que consegui ver, apenas encontrei alguma referência indirecta ao nosso assunto. Assim, em várias Cortes, foram apresentados requerimentos, sempre deferidos, que visavam o bom funcionamento das albergarias, hospitais e estalagens (Coimbra 1390, Évora 1390-1391, Santarém 1418), das calçadas, fontes e pontes (Évora 1436), e das Confrarias (Évora-Viana 1481-1482)<sup>97</sup>. Mas de facto é pouco para o assunto estar esgotado.

### *A terminar*

Cheguei ao fim? Muito longe disso.

Ano atrás de ano, nestas andanças jacobeitas, Portugal acima e abaixo, pergunta aqui, descobre acolá, sempre me interroguei porque é que, em Portugal, não encontrava uma canção que fosse, popular, a cantar a peregrinação ou tão só a devoção ao Apóstolo, Iaco de seu nome.

Há pouco tempo atrás, numas Jornadas à volta de Santiago, creio que em Belmonte, conheci um jornalista, José Domingos de seu nome, que me falou de uma canção que ouvira bastas vezes a seu avô, natural de Longroiva (Meda) mas que vivia em Duas Igrejas (Miranda do Douro), que dizia assim:

«— Donde *vas*, ó caminhêro,  
com esse passo tão largo?  
— Vou depressa, a caminho,  
vou correndo a Santiago!  
Quando um dia lá chegar,  
encostado a *mê* bordão,  
Abraçarei o *mê* santo,  
com a fé do coração.  
— Porque levas na cabeça,  
um chapéu tão achatado?

96 COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego* I, p. 259, nota 2.

97 SOUSA, Armindo de - *As Cortes Medievais Portuguesas (1385-1490)*, Lisboa: INIC, 1990, p. 236-237, 240, 273, 321, 479.

— *P'ra* que o sol me não queime  
minha *pele* na *poêra*  
caminho de Santiago!»

Afinal sempre há! E quantas mais!? Desta, aqui fica a *letra*. Mas donde era ela original?: da Meda ou de Duas Igrejas?, 130 Kms de distância. E a melodia?... Se um dia a encontrar...

Este mundo da devoção e peregrinação ao túmulo de Santiago é um poço sem fundo cuja riqueza, quanto seja ainda possível, é necessário recolher e guardar. Por mim, continuarei.